

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A COMPARAÇÃO ENTRE OS TERMOS USADOS NAS REGIÕES NORTE E SUL EM UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Gabriel da Silva Mendonça ¹
Profa. Ma. Leila Cristina Silva da Silva ²

INTRODUÇÃO

O estudo da variação linguística é uma temática que versa por diversos contextos, por isso, compreender sua usabilidade é essencial para estabelecer uma comunicação interativa entre os indivíduos (Conceição; Pereira, 2018, p. 67).

Nesse sentido, a variação linguística regional utilizada no Norte, sobretudo no Estado do Pará, permite que sejam ampliadas as discussões dos termos linguísticos em comparação com a região Sul, por exemplo. Diante disso, entende-se que as diferentes formas de se expressar linguisticamente também podem ser compreendidas quando comparadas com outra variação regional (Bagno, 2001, p.27)

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo fazer um comparativo das expressões utilizadas por discentes das regiões Norte e Sul, mas especificamente dos Estados do Pará e Paraná, de modo a visualizar os valores semânticos linguísticos de cada variação. Essas inquietudes perpassam, principalmente, pela necessidade de valorizar a pluralidade da língua, desconstruindo estereótipos e ampliando a perspectiva socioeducacional dos discentes em sala de aula, ou seja, permitindo que propostas didático-pedagógicas sejam desenvolvidas.

Este trabalho fundamenta-se nas contribuições de Bagno (2001), ao tratar sobre a diversidade do português brasileiro, também considerando a temática desta pesquisa; Soares (1998) ao trabalhar a linguagem na interatividade social no âmbito escolar; Chaibe e Ferreira (2018), a qual abordam a variação linguística contemporânea e André (1995) que discute sobre saberes e práticas pedagógicas.

1 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, estruturada em uma entrevista com professor em formação de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Para coleta de dados, foram utilizados resultados de práticas pedagógicas de alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino no Estado do Pará.

Inicialmente, foram apresentadas algumas expressões utilizadas pelos alunos, muito popular na cidade de Belém, e, com base nos conceitos e contextos usados, foram repassados ao professor da UTFPR, no intuito de coletar expressões que justificam-se próximas e/ou similares próprias do seu contexto social.

Diante disso, com base nos dados coletados, deduziu-se, após a análise, que os termos utilizados na região Sul, convencionaram-se a uma linguagem mais próxima da norma-culta da língua portuguesa, enquanto as expressões usuais, no

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras Português – 7º Semestre. Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. gabrielsilva3272@gmail.com;

2 Mestra pela Universidade Federal de Goiás. Professora Orientadora do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. leila.cchaves@outlook.com.

Norte, configuram-se por uma linguagem mais socioconstrutivista, ou seja, a partir das relações sociais e, principalmente, culturais (Mendonça, 2002, p.32).

Logo, entende-se que as relações sobre as variações linguísticas dessas regiões têm suas peculiaridades, no entanto possuem um valor semântico interessante para ser comparado na abordagem desta pesquisa. Posteriormente, uma tabela referente ao estudo levantado será explanada para melhor compreensão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Este estudo preocupou-se em utilizar dados já coletados de alunos do primeiro ano do ensino médio, de uma escola pública da região metropolitana de Belém, e socializá-los com um profissional que atua na educação básica, lotado na região Sul. Ademais, estes dados surgem da aplicação de uma oficina realizada sobre a temática. Esse método de pesquisa permite ao professor compreender a diversidade linguística permeando por contextos diferentes do seu habitual.

Diante dessa abordagem, compreende-se que este trabalho perpassa por discussões das quais são imprescindíveis para trabalhar a diversidade linguística, no contexto social brasileiro. Sob tal ótica, a língua é um fenômeno que possibilita relação entre indivíduos, e quando tratada na escola percebe-se o quão válido é falar sobre as diversas formas de usar a língua em diferentes regiões (Chaibe; Ferreira, 2018).

Nisso, percebe-se que as discussões são essenciais, pois ampliam concepções da sociedade mediante ao uso da variação linguística. “Além disso, como já lembrei, muitas pessoas não têm conhecimento da escrita e nem por isso a língua delas deixa de ser material valiosíssimo para compreensão das regras de funcionamento da linguagem humana” (Bagno, 2001, p. 24). Assim, depreende-se que a variação da língua não está configurada apenas ao contexto educativo, mas amplia-se, perfeitamente, ao convívio social dos discentes com o seu meio.

Não obstante, ao propor um estudo comparativo, principalmente no que configura-se como termos de variação linguística, encontram-se ideias que prematuramente fazem parte do repertório sociocultural dos discentes. Nessa assertiva, vê-se plenamente as discussões propostas por Bagno, da noção folclórica do erro, pois

O grande problema com essa noção ultrapassada é que, como os estudos linguísticos modernos têm revelado, simplesmente *não existe* erro em língua. Existem, sim, formas de uso da língua *diferentes* daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas *diferentes*, quando analisadas com critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes (Bagno, 2001, p. 25 – 26).

Sob essa afirmação, denota-se que este estudo ratifica a necessidade de pontuar a língua como formas diferentes de se relacionar socialmente, e quando estruturada em uma comparação, como neste caso, potencializa e amplia-se a atuação docente. Outro ponto importante de salientar trata-se, justamente, dessa proposta didático-pedagógica, porquanto o professor que está em sala de aula precisa também dessas explicações que concernem a temática de variação linguística (Chaibe; Ferreira, 2018, p. 365)

Dessa maneira, pontua-se que a escola é uma agente formadora de cidadãos, isso inquestionavelmente, mas os professores atuantes, precisam articular didáticas que ofertem aos alunos diversidade, principalmente no que diz respeito à

língua portuguesa (André, 1995, p. 35). Neste sentido, a escola diante da comunicação linguística faz uso da chamada linguagem 'legítima' – linguagem autorizada, respeitada, acreditada, apreciada e obedecida. Contudo a escola é vista como o local onde deve-se aprender a norma culta da língua (Soares, 1989).

Além disso, é importante, ao pontuar questões pedagógicas, articular maneiras de trazer essa temática para uma aula de língua portuguesa, por exemplo. Logo, a linguagem perpassa por diversas concepções do fazer pedagógico, assim, ao discutir em sala com os alunos, para além de um conteúdo, terá também maior interatividade do sujeito com o seu meio em esferas mais amplas. Com base nisso, observa-se que Geraldi propõe justamente esse ponto, uma vez que;

A linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala (Geraldi, 1997, p. 34)

Dessa forma, é essencial utilizar a linguagem como esse recurso de interação, por meio de propostas didáticas que podem configurar-se em produções textuais, a partir da leitura social dos alunos. Essa abordagem possibilita ao discente apropriação das discussões, além de ampliar suas concepções educativas. Assim, tais processos que contemplam essa temática da variação linguística tornam o trabalho docente diversificado e inovador, ao pensar na possibilidade de diálogo sobre a língua em si.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos dados que foram coletados, percebeu-se que as expressões utilizadas pelos falantes das duas regiões são distintas, no entanto há como fazer um comparativo dessas expressões. É relevante analisar o quão diferente pode ser a língua, e saber que é singular e exercesse seu papel social, ou seja, por mais que haja uma diferenciação (Bagno, 2001, p. 28), a comunicação ainda sim é estabelecida entre os meios.

Dessa forma, a tabela descrita neste trabalho busca estabelecer um comparativo entre os termos usados nas duas regiões preditas, no intuito de demonstrar a diversidade da língua. Para estabelecer uma relação entre ambas e perceber como estrutura-se em um prisma sociológico, para promover a valorização e a desconstrução das estereotípias postas pela sociedade.

Ademais, é interessante perceber que existe também uma configuração do que entende-se pelo português coloquial e formal, tais percepções são debatidas no comparativo da *Gramática Tradicional e Linguagem Formal* (Bagno, 2001, p. 26). Dessa maneira, deve-se apreciar a língua como diferente, mas considerar a comunicação estabelecida entre os meios, desconsiderando os padrões estabelecidos pela Gramática Tradicional.

Essa afirmação, desconstrói justamente o que este estudo se propôs a debater, o diferente na língua portuguesa, a relação social entre os indivíduos e os padrões da sociedade. Veja, a seguir os pontos discutidos e quão singulares são, mas também a peculiaridade do português, sobretudo no que concerne à variação linguística.

REGIÃO NORTE	REGIÃO SUL	CONCEITO
Muleque / Cria	Piá	Utiliza-se para se referir a alguém
Égua	Bah	Utiliza-se para se referir a afirmações, questionamentos e/ou surpresas
Tá de toca	Sonso	Utiliza-se para se referir a uma pessoa inocente
Rock doido	Descer a lenha	Utiliza-se para se referir a uma festa animada
Liga desse bicho	Para de ser Alice	Utiliza-se para se referir a pessoa desatenta
Tu tá vacilando	Camaçada de Pau	Utiliza-se para se referir a uma discussão ou briga

Tabela 1: Expressões utilizadas nas regiões Norte e Sul

Fonte: Produção do pesquisador.

Nesse viés, percebe-se que os termos que são usados nas regiões Norte e Sul são distintos, no entanto é perceptível que, ao fazer um comparativo, denota-se a singularidade de cada região, enquanto para um paraense utilizar o termo “Égua” o qual pode ser aplicado em diferentes situações como expressa a tabela, no mesmo valor semântico utiliza-se o termo “Bah” pelo paranaense. Nesse momento, encontram-se, perfeitamente, as peculiaridades dos termos de variação linguística, no qual contribui para aprendizagem significativa.

Inegavelmente, os termos expressos na tabela também perpassam por uma questão singular, a valorização das diferentes formas de comunicação. Inicialmente, foram pontuados a necessidade de desconstruir todos e quaisquer tipos de estereótipos com falantes da língua, a divulgação desses dados é a comprovação disso. Assim, compreende-se as variações, relacionadas e contextualizadas no prisma social e educacional, o que possibilita que essa discussão seja percebida como um eixo necessário na formação dos alunos e dos profissionais da educação.

Essa análise comparada dos termos, revelam que, ao propor estudos sobre variação linguística, a língua portuguesa permite esse percurso único nas diferentes regiões geográficas. Logo, promover o estímulo em sala sobre essa temática é permitir ampliação do saber linguístico e valorizar as diversas formas de se comunicar enquanto sociedade.

CONCLUSÃO

Portanto, entende-se que as discussões que contemplam a variação linguística, sobretudo em uma percepção de dois grandes polos geográficos distintos, permitem a ampliação desses debates os quais são essenciais para a formação cidadã dos alunos que estão inseridos no contexto educacional brasileiro. Diante disso, percebeu-se que, embora diferentes as formas de comunicação entre as duas regiões, a variedade existente enriquece e proporciona novos saberes sociais.

Sob esse viés, depreende-se que, ao propor comparações entre os termos regionais falados por indivíduos de diferentes repertórios sociais e culturais, as discussões aguçam o quão válido é permitir ao aluno entender sua língua. Desse modo, contemplam-se as propostas didático-pedagógica, na qual o professor em

sala dispõe para o seu alunado, porquanto é por intermédio dessas conexões pedagógicas que ampliam-se as visões sociais dos alunos (Chaibe, 2018, p. 360).

Dessa forma, toda essa proposição é nitidamente vista no contexto educacional dos alunos em sala de aula, pois a sua leitura de mundo faz parte dessas discussões, não há variação linguística se não houver o espaço de fala desse sujeito. Nesse prisma, também versa pela questão da desconstrução das estereotípias que estão presentes, inegavelmente, no contexto escolar (Bagno, 2001, p. 23). Por isso, este estudo buscou essa vertente para trazer reflexões acerca do processo educativo.

Neste contexto, o estudo dos termos demonstra legitimidade e interatividade entre os meios, embora as realidades sociais e culturais sejam distintas, o estudo propôs essa visão da diversidade e a singularidade das realidades. Além de proporcionar ao profissional, uma formação e/ou atuação educacional, um diálogo amplo no que diz respeito a diversidade linguística.

Logo, esse é um tema que gera muitos debates produtivos, pois a língua é um fenômeno usado por todos os indivíduos e, quando analisada em um contexto educativo, permite resultados excelentes. Sabe-se que a educação constantemente evolui e as formas de se comunicar, relacionar e interagir também, por isso precisam ser ampliadas essas discussões no fito, sobretudo, de valorizar a diversidade e desmitificar o pré-conceito estabelecido socialmente.

Este estudo propôs que tantos alunos quanto profissionais da educação, contemplem a língua na sua primazia, considerando a diversidade social, cultural e política. Espera-se que essas discussões sejam ampliadas nas mais diferentes esferas sociais, pois a língua é patrimônio da nação e precisa ser apreciada na sua totalidade e em distintos prismas geográficos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.

CONCEIÇÃO, Roberta Bohrer da; PEREIRA, Telma Cristina. Avaliação de Políticas que orientam O Ensino Da Variação Linguística: Os Pcn E A Bncc. **Web Revista Sociodialetto**, [S. l.], v. 8, n. 23 SER. 3, p. 65–79, 2018.

CHAIBE, Maria Eduarda dos Santos; FERREIRA, Ediene Pena. A variação linguística na educação contemporânea: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Exitus**, v. 8, n. 2, p. 358-385, 2018.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. **Psicologia da Educação**, n. 1, 1995.

MENDONÇA, Márcia. A “moda” dos gêneros: inserção no sociointeracionismo e no socioconstrutivismo. **Alfabetização e letramento**, p. 37. 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 2 ed. São Paulo: África, 1998.